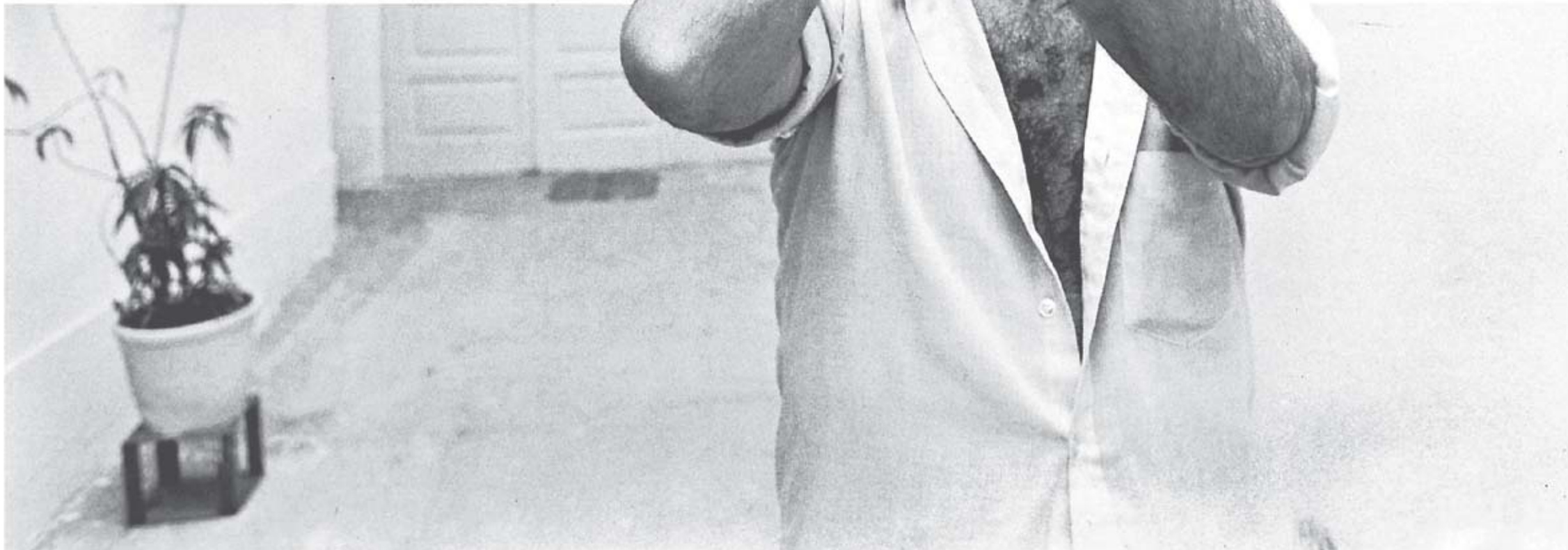


CADERNO

Diário do Nordeste

caderno3@diariodonordeste.com.br

DOCUMENTÁRIO



➤ Glauber Rocha: amado e odiado, o cineasta mais discutido do cinema nacional tem sua memória e método de produção recriados no documentário "Anabazys"

Memória e processo criativo de Glauber

○ **Produção de Joel Pizzini e Paloma Rocha, "Anabazys" tem lançamento hoje em Fortaleza e volta a apontar o olhar para o cinema de Glauber Rocha**

FÁBIO FREIRE
Repórter

Um cineasta plural. Venerado por uns, apedrejado por outros. Mas nunca ignorado. Assim foi, e ainda é, a história audiovisual de Glauber Rocha, um dos realizadores mais polêmicos, debatidos, discutidos e pesquisados do cinema nacional. Na sua filmografia, exemplares marcantes que mudaram estética e politicamente os modos de se fazer e pensar cinema, caso de "Deus e o Diabo na Terra do Sol" e "Terra em Transe". No ano em que completaria 70 anos (no último dia 14 de março), Glauber ganha uma homenagem em "Anabazys", documentário realizado por Joel Pizzini e Paloma Rocha, filha do diretor, que discute o cinema autorral e questionador do cineasta e procura recriar, através de imagens de arquivo e sobras de seu último filme, "A Idade da Terra", a gênese criadora de Glauber.

Além do formato

O filme estreia em Fortaleza, hoje, às 21h, no Theatro José de Alencar, dentro da programação do I Encontro Internacional de Imagem Contemporânea. O título do documentário de Pizzini e Rocha faz alusão ao nome dado por Glauber a uma das primeiras versões do roteiro original de "A Idade da Terra". O filme, narrado em primeira pessoa pelas "vozes" de Glauber, segundo os diretores, traz cenas inéditas do cineasta durante as filmagens de seu último trabalho e do material bruto



☞ Procuramos nos manter coerente ao pensamento de Glauber, refazendo o fluxo da sua memória"

☞ Eu 'canibalizo' o cinema de Glauber, mas sem perder minha percepção de cinema"

Joel Pizzini
Documentarista

não aproveitado na montagem final de "A Idade da Terra".

A idéia do documentário surgiu a partir do projeto de restauração das obras do cineasta para o lançamento em DVD da Coleção Glauber Rocha, levada à frente pelo Templo Glauber. A proposta era de lançar cada DVD duplo, de toda a obra completa do cineasta, com extras, entre eles um documentário sobre o processo de criação do filme específico. "Esses documentários foram feitos muito presos à linguagem de DVD, formatado em blocos", conta Joel Pizzini, por telefone. "Com 'Anabazys' foi diferente e a idéia transcendeu esse formato mais limitado. O filme foi finalizado em película para ser exibido no Festival de Brasília e ganhou uma dimensão mais cinematográfica, participando de festivais como o de Veneza e o Los Angeles Brazilian Film Festival. O documentário acabou, então, fazendo referências a outras obras de Glauber, apresentando o método de criação do cineasta e recriando seu discurso", explica.

Um discurso proferido pelo próprio Glauber Rocha e que funciona como uma homenagem ao autor e homem de cinema. "Uma homenagem que não cai na armadilha mórbida de adotar um tom tributário", esclarece Pizzini. "Procuramos não perder a perspectiva da ex-

periência e nos mantemos coerentes ao pensamento de Glauber, tentando refazer o fluxo de sua memória através da lógica da montagem, ritmo e sentidos, questões bem particulares ao cinema", discorre.

Se "Anabazys" não pode ser enquadrado como um documentário convencional, Pizzini vai além e afirma que o filme não é sobre Glauber, mas com Glauber. "Ele é personagem do filme", afirma. "E o filme é sobre a natureza da sua imagem, sobre o risco e o inesperado. A partir daí, trabalhamos tentando reproduzir a liberdade de Glauber, seu rigor, sem perder a sua potência como cineasta".

Afinidades barrocas

Um cineasta causador de revoluções. Para Pizzini, "A Idade da Terra" anunciou, em 1980, quando foi lançado, a revolução audiovisual contemporânea, adiando a crise aguda pela qual passa o cinema. "Glauber propunha, com 'A Idade da Terra', um filme de ruptura, um cinema espacial que saía da tela. Ele tirava uma série de filtros narrativos que limitam o cinema, ignorava noções de campo/contracampo", detalha. "Glauber rompe com o cinema narrativo e com o cinema de autor cooptado pelos estúdios. Ele procura se libertar da recepção passiva da sala de cinema, propõe que a trilha sonora seja realizada no momento da projeção e que o projetorista participe do filme ao lhe entregar rolos sem numeração", destaca.

"Em 'Anabazys', eu 'canibalizo' o cinema de Glauber, mas

sem perder minha própria percepção da sétima arte", diferencia Pizzini. "Possuímos afinidades barrocas. Glauber é uma influência filosófica. Ele considera o cinema como uma profissão de fé, assim como eu", cita. "Mas procuro não ficar na sombra dele. Não tenho essa característica operística e antimelodramática que o cinema dele tem, sempre dialogando e sendo contaminado pela música, teatro e outras linguagens", acredita.

Com diferenças e semelhanças, Pizzini e Glauber buscam um cinema ensaístico e poético que reinventa a tradição ao adotar uma essência experimental e assumir uma postura ideológica calcada no onírico e lírico. No caso de "Anabazys" - atualmente em cartaz no Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo e com exibição garantida em Fortaleza no espaço Unibanco, ainda sem previsão de data de estreia -, um cinema reinventado a partir de imagens recicladas por um liqüidificador audiovisual comandado pela dupla de diretores Joel Pizzini e Paloma Rocha. ●

➤ Mais informações:

Lançamento do documentário "Anabazys" (BRA, 2007), de Joel Pizzini e , na Mostra "Alguns", dentro da programação do I Encontro Internacional de Imagem Contemporânea, com a presença do realizador, hoje, logo mais às 21h, no Theatro José de Alencar.

☞ Comente
caderno3@diariodonordeste.com.br

desafinado

